

SOROCABA: uma cidade no caminho da metrópole¹

Andréia de Cássia da Silva Ajonas (doutoranda)

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Usp (Brasil)

INTRODUÇÃO

Pensar a cidade de Sorocaba e a região na qual ela se insere só nos traz esclarecimentos sobre a realidade urbana a partir do momento que adotamos uma perspectiva histórica de análise, bem como a percebemos por meio de suas relações em outras escalas geográficas. Desse ponto de vista entendemos a importância que ela adquire atualmente e as profundas relações que essa cidade mantém com a metrópole de São Paulo.

Com as mudanças na organização do território nas últimas décadas do século XX, que configuram um modelo de urbanização dispersa, uma nova realidade se apresenta. As interpretações teóricas que passaram a incidir sobre ela refletem várias divergências. Dentre elas, destacamos primeiramente a divergência entre, de um lado, aqueles que afirmam que se trata de um novo período histórico, uma mudança profunda no rumo dos acontecimentos, e, de outro, aqueles que afirmam que tais mudanças são resultado de uma continuidade dos processos precedentes, atualmente com uma “nova roupagem” dada pela aceleração de seus resultados, característica do período da globalização.

Nesse debate nos posicionamos de acordo com o primeiro grupo. Consideramos que as mudanças em curso vão além de simples mudanças nas formas, e que as transformações refletem um período de crise no sistema capitalista, o que gera a busca de novas fontes e de novas estratégias para a manutenção dos lucros por meio de uma nova forma de organização espacial. Tal posicionamento envolve uma perspectiva política, que compartilhamos com Michel Anglieta por meio de sua “Teoria da regulação”.

¹ Essa pesquisa conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Mas ainda assim persiste o debate no que se refere às interpretações sobre as transformações territoriais que se apresentam, a nosso ver resultantes de um novo período de reestruturação produtiva.

Entre as características do período atual há um aumento das relações entre cidades, com o fortalecimento das funções de algumas delas no contexto regional. No caso brasileiro, principalmente a partir do processo de desconcentração industrial a partir da metrópole de São Paulo. Essas centralidades que se fortalecem atuam de modo independente da capital nesse novo período, ou tornam-se parte de uma mesma realidade metropolitana? Tal discussão remete a dois posicionamentos teóricos antagônicos: um que apregoa a “reversão da polarização” (P. M. Towroe & D. Keen), enfatizando, pois, a idéia de que neste processo de dispersão da indústria há um enfraquecimento da centralidade da metrópole, portanto, um processo de descentralização; e outro que nega a perda de centralidade pela capital, referindo-se, ao invés disso, a uma “desconcentração concentrada” (C. R. Azzoni).

No título desse trabalho procuramos expressar nosso posicionamento ante a essa questão. Consideramos, pois, que a centralidade da metrópole não apenas se mantém, mas se fortalece no período atual. Centralidade e dispersão são as duas faces de um processo que leva ao fortalecimento e à expansão da metrópole, que passa a incluir novas áreas a sua malha. Assim, a metrópole engloba novos territórios que estão em seu “caminho” à realidade metropolitana.

Com tal posicionamento enfocamos aqui a realidade urbana da cidade de Sorocaba. Nosso intuito é buscar compreender em que medida essa nova realidade metropolitana se reflete em dados econômicos do município. A questão norteadora do trabalho pode assim ser explícita: Considerando-se a imprecisão dos limites da “metrópole expandida” (LENCIONI), a partir da análise dos dados econômicos, em que medida podemos afirmar que Sorocaba se insere em uma nova realidade metropolitana?

Além de tentar responder a essa pergunta, ao longo do trabalho procuramos especificar os posicionamentos tomados a fim de fundamentar teoricamente a discussão.

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DESCONCENTRAÇÃO ESPACIAL

O termo reestruturação evoca a idéia de uma mudança de rumo dos processos, de uma inflexão na ordem dos acontecimentos. O final do século XX correspondeu a um desses períodos durante os quais várias esferas da vida passaram por uma reestruturação. Segundo Soja (1993):

Há também uma ampla concordância, entre os que tentam interpretar essa reestruturação contemporânea, em que ela foi deflagrada por uma série de crises inter-relacionadas – desde as insurreições urbanas dos anos sessenta até a profunda recessão mundial de 1973-75 – que assinalaram o fim do prolongado período de expansão econômica capitalista que se seguiu à II Guerra Mundial (p.194).

Nesse período o território foi profundamente marcado, reorganizado para atender as novas exigências do sistema produtivo no intuito de superar a crise e garantir os lucros, por isso também as novas tecnologias provenientes da Terceira Revolução Industrial foram rapidamente propagadas. Sobrepondo-se à ordem dos lugares, fortaleceram-se as redes, para dar suporte às novas formas de relações capitalistas.

A reestruturação produtiva aconteceu no Brasil sobretudo após a mudança nas políticas desenvolvimentistas do governo, durante o início dos anos de 1990, mas desde a década de 1970 a instauração de um projeto nacional de desenvolvimento favoreceu a dispersão produtiva para fora do núcleo metropolitano, direcionando, em certa medida, seu deslocamento. Além disso, uma série de fatores já trazia desvantagens para a localização na capital. Entre esses fatores, conhecidos como “deseconomias de aglomeração”, incluem-se: o crescente preço dos terrenos; os problemas de deslocamento, carga e descarga de mercadorias dados pelo aumento do tráfego; as dificuldades de expansão no tamanho dos estabelecimentos; as políticas ambientais para a capital; as pressões sindicalistas, etc. Por outro lado, some-se a isso a disputa entre os municípios interioranos por atrair tais investimentos, através de chamada “guerra fiscal”, que atuava, junto com as políticas do governo, direcionando as novas localizações produtivas.

Entretanto, após uma década de crise e com a adoção do modelo político neoliberal nos anos 90, um novo jogo de forças passa a definir as novas localizações das atividades. Passou a predominar a guerra fiscal e a busca por mão-de-obra barata; além dos interesses por localizações estratégicas, ligados à nova lógica de atuação das empresas, mais fortes em determinados setores de atividade do que em outros.

De acordo com Caiado, Ribeiro e Amorim (2004, p.73-74), os resultados da abertura econômica e do aumento da competitividade incluíram, entre outras consequências, a reestruturação produtiva de alguns segmentos industriais, podendo-se distinguir três formas pelas quais ela ocorreu: a introdução de inovações (*upgrading*), a especialização produtiva (*downgrading*) e o rebaixamento de custos (relocalização da produção, terceirização, degradação do trabalho).

A efetivação desse processo de reestruturação produtiva foi possível e aconteceu por meio do fortalecimento das redes de transporte e comunicação, que passaram a garantir a unidade da empresa, sob o comando da capital.

Com relação a isso há, como mencionamos, divergências. Nosso ponto de vista no que se refere à existência dessa unidade baseia-se no fato de que a centralidade da cidade de São Paulo se mantém, visto que as atividades de gestão das empresas continuam a nela se localizar e, por meio da dispersão de seus estabelecimentos produtivos, aumentam a abrangência de controle da capital.

Lencioni (2008) enfatiza a importância dos conceitos de concentração e centralização do capital para entender a dinâmica regional:

O primeiro, o de concentração do capital, permite entender que embora essa metrópole possa ser representada por imagens que indicam que ela é espraiada e dispersa, é preciso frisar que ela é, igualmente, concentrada. Faz parte da racionalidade da acumulação capitalista concentrar um grande número de população, renda, indústria de alta tecnologia e trabalho qualificado, bem como fazer da metrópole difusa e espraiada territorialmente, uma única bacia de trabalho e *habitat*, dentre outros aspectos que poderíamos enumerar.

O segundo conceito discutido é o conceito de centralização, que permite esclarecer os mecanismos de administração e controle do capital, que por meio de serviços voltados às

empresa reafirmam e renovam a centralidade da metrópole.
(p.08)

Com tais argumentos consideramos, como a referida autora, que há uma expansão da metrópole de São Paulo, definida pela desconcentração industrial e pela manutenção e fortalecimento da centralidade em seu núcleo, onde aumentam o número de escritórios e sedes de empresas, bem como de serviços especializados (serviços financeiros, de consultoria, legais, etc.) disponíveis para atender as demandas por trabalho qualificado que as atividades de gestão requerem.

A centralização espacial definida por esses estabelecimentos e o controle dos lucros gerados por meio da estratégia de dispersão das atividades produtivas exigem, com isso, a manutenção de relações constantes entre as unidades de uma mesma empresa por meio de fluxos materiais e imateriais. A paisagem que se configura é marcada pelas discontinuidades, pela policentralidade, pelo surgimento e fortalecimento de núcleos secundários. Processos como o de aglomeração, antes característicos de grandes cidades, podem, atualmente, ser observados também em cidades de menor porte.

A região abarcada pela metrópole de São Paulo torna-se mais dinâmica, mais densa e mais complexa. Por meio das redes que a integram, produtos, pessoas, informações, comandos e um novo estilo de vida se difundem, caracterizando a “metrópole expandida”, cujos limites não são bem definidos.

Entretanto, podemos afirmar que essa região formada pela “metrópole expandida” possui fortes relações históricas, que lhe garantem certa homogeneidade nos dias de hoje. A infra-estrutura e os serviços fundamentais ao desenvolvimento pleno de certas atividades produtivas encontram-se aí presentes de modo mais significativo que em outras áreas. Esse é um importante fator pelo qual a dispersão de atividades a partir da metrópole encontrou fortes limites, o que faz com que a concentração da indústria seja muito maior nessa área.

No que se refere à Sorocaba, onde iremos focar nossa discussão, Lencioni (1994) - com base em dados do Seade - evoca a importância dessa região, juntamente com a de Campinas, quando escreve

que, desde a década de 1920, “o conjunto dessas duas regiões empregava 21,2% dos operários da indústria paulista e mais de 72% de todo o interior”, além do que, em conjunto com a Região Metropolitana, “concentravam 92% dos operários do Estado” (p.56-57).

Assim, como enfatizou a autora, o processo de desconcentração deu-se reforçando uma tendência que já estava presente no início do século XX. O desenvolvimento da cidade de Sorocaba é exemplificativo dessa afirmação, já que sua importância econômica, considerável já no início do referido século, é destacada a partir de seu final.

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DE SOROCABA NO CONTEXTO DA METRÓPOLE EXPANDIDA

Aspectos da história de Sorocaba podem trazer elementos para esclarecer a sua importância atual, bem como fornecer termos de comparação para que possamos analisar as transformações pelas quais a cidade passou ao longo do século XX, as quais permitem que pensemos suas dinâmicas como integrantes de uma realidade mais abrangente, e que possamos estabelecer uma nova regionalização na qual a metrópole de São Paulo aparece como núcleo estruturante.

Fundada em 1654 como ponto de ocupação para as expedições de caça aos índios, Sorocaba se destaca durante o século XVIII com o tropeirismo, pois passa a instalar a famosa *Feira de Sorocaba*. Em função dela, desenvolvem-se o comércio e indústrias artesanais. Suas primeiras fábricas de tecido surgem já no final do século XIX, impulsionadas pelo desenvolvimento da cidade em função da produção e comércio do algodão, que entra em ascensão com as facilidades de transporte geradas pela implantação das estradas de ferro, sobretudo a Sorocabana, inaugurada em 1875. Posteriormente, com a queda nas exportações do algodão, os sorocabanos passaram a empregar uma maior parte da produção local na indústria.

Assim, em 1912, Roberto Capri já destacava que “Há quatro grandes fábricas de tecido de algodão: ‘Votorantim’, que tem também

importante estamperia; 'Santa Rosália'; N. S. da Ponte, 'Santa Maria'; 'S. Paulo' e uma fábrica de azeite" (p.85).

Traze anos depois, em obra organizada por Eugênio Egas, encontramos uma descrição mais detalhada das atividades industriais do município:

Os Estabelecimentos industriais são cerca de 131. É a chamada Manchester paulista. Entre os principais: 6 fábricas de tecido de algodão (com cerca de 7.000 operários); 2 de chapéus; 1 de calçados; 1 de óleos; 1 de velas; 1 de camisas; 1 de arreios; 1 de ferragens; 2 de facas; 1 de doces; 1 de enxadas; 2 de banha; 3 de salame e mortadelas; 6 de bebidas; 1 de veículos; 1 oficina da Estrada de Ferro (fabricando vagões, gaiolas, etc.); 2 de ladrilhos e cimento; 1 de louça de barro; 3 grandes usinas electricas (sendo uma com 75.000 H.P. de capacidade); 5 serrarias, que empregam cerca de 4.500 H.P., somente de força electrica; além de outros estabelecimentos menores. Existe uma machina de beneficiar arroz e três cortumes. Fabrica-se alguma manteiga e queijo typo "mineiro". Há, no município a extração de areia, pedregulho, granito, madeiras e cascas para cortume (p.2018-2019).

Tal descrição revela o progresso do município no início do último século. Mas, a despeito da importância econômica que ele adquiriu, Sorocaba entra depois em um período no qual o ritmo de crescimento se desacelera, pois não usufruiu significativamente dos benefícios gerados pelo ciclo do café, que fez expandir a economia e infra-estrutura de muitas cidades. Sendo seu solo e relevo inadequados para esse cultivo, ele teve, ainda na primeira metade do século XX, suas taxas de crescimento econômico e sua representatividade no interior do Estado superadas por Campinas.

Esse deslocamento de posição é demonstrado pela queda da participação da região na produção industrial estadual dos 10,4%, apresentados em 1928, para os 3,0% em 1960, o que refletiu na diminuição da participação da mão-de-obra no total do Estado (DEBRASSI, 2007, p.408).

No que se refere ao seu contingente de trabalhadores industriais, Debrassi (2007) destaca uma diminuição relativa de participação do município no Estado. De "12,6% do total do Estado, perdeu em 1940 a

condição de maior índice do interior do Estado, passando para 6,3% e 5%, respectivamente nos anos de 1950 e 1960” (p.408)

Com isso, o número de indústrias cresceu lentamente até a década de 1960. Em 1956 a sede municipal possuía “157 estabelecimentos industriais que empregavam mais de cinco pessoas. Estavam empregados nos diversos ramos industriais 17.000 operários” (EBGE, 1958, p.309).

A abertura da Rodovia Raposo Tavares em 1954 e, principalmente, da Castelo Branco em 1969, assim como as políticas desenvolvimentistas que se seguiram, possibilitaram um novo impulso à cidade. No contexto de tais políticas, com seus incentivos à desconcentração de atividades a partir metrópole, essa última rodovia serviu como um dos principais eixos dispersores para as empresas e contribuiu fortemente para incrementar a economia de Sorocaba durante o período de reestruturação que se seguiria. Isso ocorreu porque a dispersão favoreceu sobretudo algumas cidades, melhores dotadas de infra-estruturas e localizadas próximas aos eixos de acesso à capital. Sorocaba, localizada em um raio de cerca de 100 km a partir da capital, sofreu significativamente os efeitos dessas dinâmicas do período.

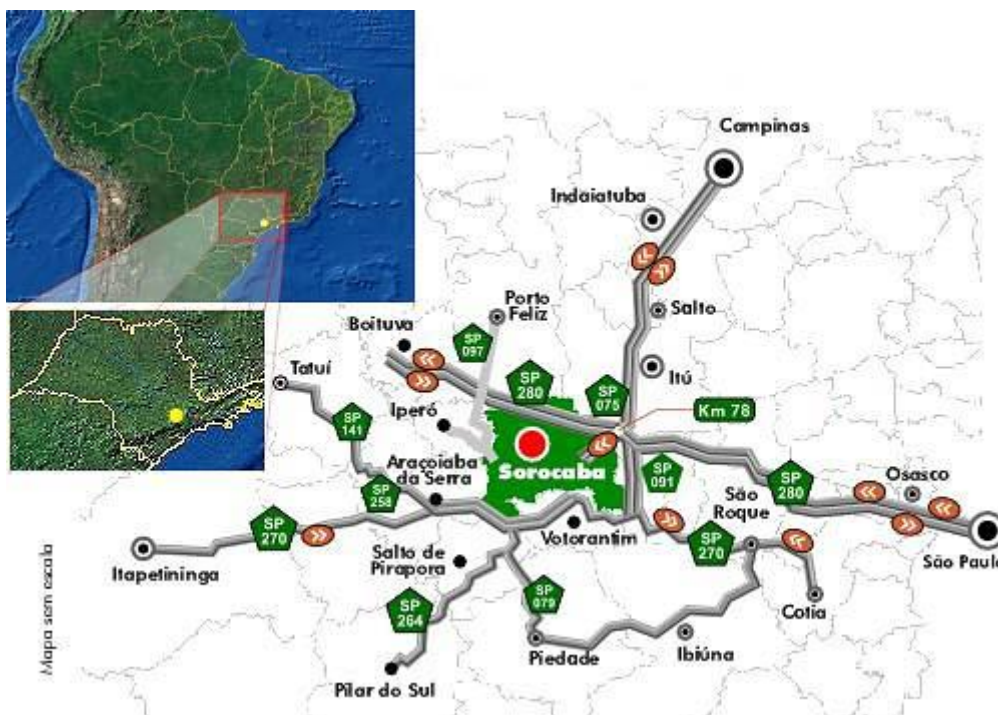


Figura 2: Rodovias de acesso ao município de Sorocaba.
Fonte: www.sorocaba.sp.gov.br

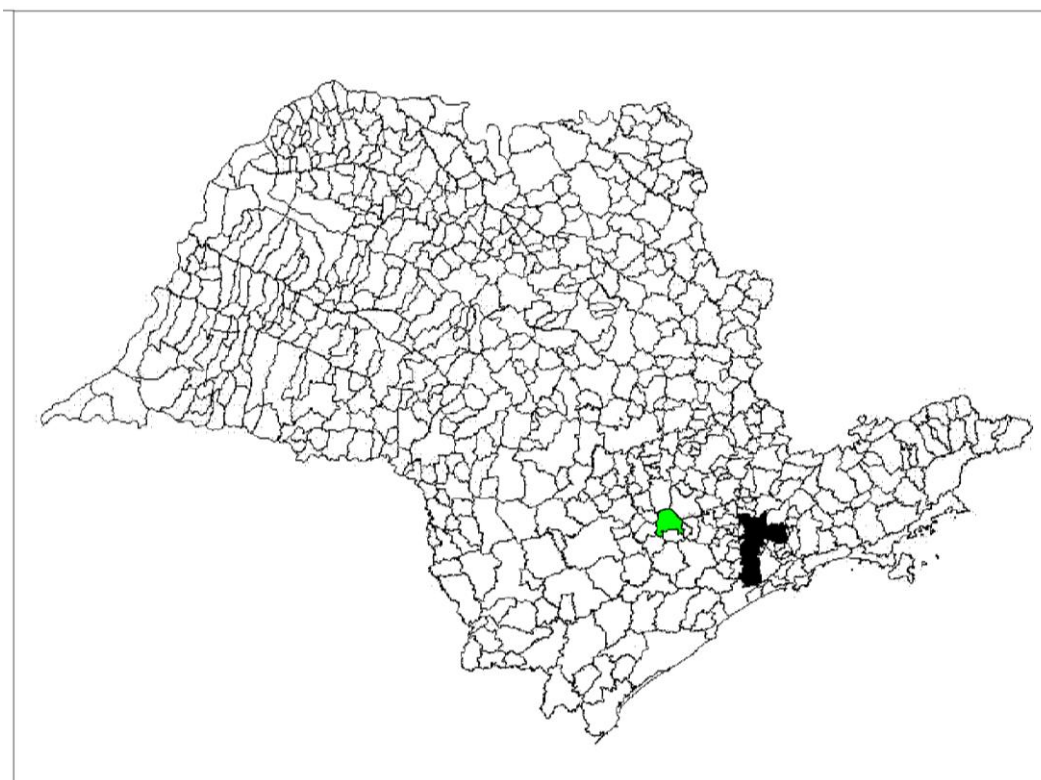
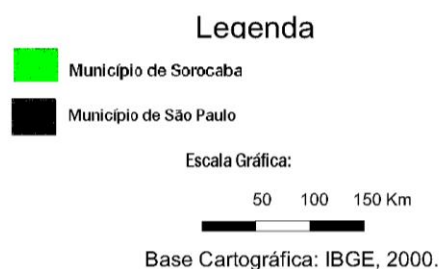


Figura 1: Localização do município de Sorocaba em relação ao município de São Paulo e ao Estado de São Paulo.

Org.: Ajonas, Andréia de C. da S.



Como resultado, “na década de 80 a indústria voltou a apresentar expansão superior à média estadual e semelhante às regiões de Campinas e do Vale do Paraíba, 2,6% e 3,1%, respectivamente” (Debrassi, 2007, p.409). A seguir, abordaremos sobre o modo como essas transformações se refletem em alguns dados econômicos do município.

CONDIÇÕES ECONÔMICAS DE SOROCABA²

Atualmente a cidade de Sorocaba se destaca no Estado de São Paulo pela diversidade de atividades econômicas que congrega e por seu amplo e moderno parque industrial. Possuía, em 2008, 1.317 estabelecimentos industriais, que empregavam 57.061 funcionários. Suas condições econômicas atuais apresentam-se, portanto, bastante diferentes das que vigoravam no início da década de 1990, quando tem início o processo de reestruturação produtiva no Brasil; visto que no ano de 1991 a quantidade total de estabelecimentos da indústria era de 808 no município (SEADE, 2010).

A despeito dos progressos nesse setor, eles ainda foram menores do que os apresentados por outros, pois quando analisamos a evolução dos estabelecimentos da indústria em relação ao total de estabelecimentos econômicos, os dados se apresentam com valores decrescentes. Com uma representação de 13,9% em 1991, a indústria passou a representar 11,6% do total de estabelecimentos em 2008.

Assim, o total de vínculos empregatícios (emprego formal) também aumentou nesses últimos anos, passando de 82.909, em 1991, para 158.870. Apenas no comércio as taxas de crescimento foram constantes. Nos outros setores, apesar dos retrocessos em alguns períodos, houve uma tendência geral de aumento da quantidade de vínculos.

Do total de trabalhadores com vínculo empregatício no município em 2008, 35,9% eram trabalhadores da indústria. Os serviços empregavam o mesmo percentual e o comércio, 21,9%. Essas taxas apresentam-se, em todos os casos, maiores que as da Região Administrativa, cujas médias eram de 32,6% de trabalhadores na indústria, 34,8% nos serviços e 20% no comércio. Já as médias do Estado, só superam as da Região Administrativa no que se refere ao percentual de trabalhadores no setor de serviços (49,9%), apresentando-se bem inferiores em relação ao percentual de trabalhadores na indústria (23,4%), o que reafirma a importância econômica da região e da cidade de Sorocaba no Estado de São Paulo.

² Os dados apresentados neste capítulo tiveram como fonte a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), a menos que estejam referenciados com outras fontes.

Para fins de comparação, vale fazer referência à Campinas, que manteve sua importância econômica superior à Sorocaba desde o segundo quartel do século XX. No que se refere ao valor adicionado da indústria em 2007³, os valores eram de 3.486,14 milhões de reais em Sorocaba e de 5.328,06 milhões em Campinas. Os dados referentes ao PIB mostram maior distância entre os dois municípios, 11.992,41 milhões de reais em Sorocaba e 27.160,08 milhões em Campinas. As regiões administrativas dessas duas cidades, juntamente com a Região Metropolitana de São Paulo, concentram a maior parte da atividade industrial do Estado, como pode ser observado na tabela a seguir:

A indústria paulista no conjunto das regiões administrativas selecionadas 1996 (%)				
Regiões Administrativas	Unidades industriais	Pessoal ocupado	Receita líquida	Valor adicionado
RMSP	56,9	56,8	56,9	60,4
Campinas	14,8	16,9	16,8	16,1
Sorocaba	5,8	6,0	4,8	5,2
São José dos Campos	3,2	4,4	8,3	6,5
Santos	1,3	1,1	2,1	2,1
Total	82,0	85,2	88,9	90,3
Demais regiões do Estado	18,0	14,8	11,1	9,7
Total do Estado	100	100	100	100

Fonte: PAEP/SEADE, 1996
Org.: Sandra Lencioni, 2003.

No que se referem às unidades industriais, as três regiões concentravam 77,5% do total de estabelecimentos do Estado, 79,7% do pessoal ocupado, 78,5% da receita líquida gerada e 81,7% do valor adicionado, no ano de 1996. A expressividade dos números referentes às regiões retratadas na tabela mostra sua singularidade no conjunto do Estado, e nos remete novamente à idéia da dispersão de atividades econômicas a partir da metrópole, que tiveram como eixos estruturantes as rodovias Anhanguera, Castelo Branco, Dutra e Anchieta, que dão acesso respectivamente a cada uma das cidades, núcleo das regiões representadas na tabela.

³ Refere-se ao valor que a atividade das empresas industriais agregam aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo.

Assim, o valor adicionado da indústria em Sorocaba saltou de 1.228,58 milhões de reais em 1999, para 3.486,14 milhões em 2007. No total do valor adicionado do município, esse crescimento representou um aumento em sua participação de 31,4% para 35,5% no mesmo período. Nos serviços, o valor adicionado em 2007 era de 6.327,93 milhões de reais e na agropecuária de 8,28 milhões.

Lencioni (2009) utiliza ainda outro importante elemento para mostrar a singularidade da região da metrópole expandida na concentração de atividades. Trata-se da indústria inovadora e de alta tecnologia, que tem 87,7% do total de estabelecimentos do Estado concentrados nas cinco regiões acima mencionadas. Neste tipo de indústria, a Região Metropolitana de São Paulo concentra 59,9% dos estabelecimentos, a região de Campinas, 18,7%, e a de Sorocaba, em terceiro lugar, concentra 4,7% do total⁴. Segundo a autora “Nessas regiões, o adensamento da indústria inovadora e de alta tecnologia se dá, sobretudo, nos principais municípios servidos por eficiente infra-estrutura de circulação e serviços” (LENCIONI, 2009, p.06).

De forma constante, aumentou também no município o valor das exportações de US\$ 356.161.148 para US\$ 1.799.976.262 (FOB), o que representa um aumento de participação no total do Estado de 1,32% para 2,77%, no período de 2003 até 2008.

O crescimento da economia reflete-se, por sua vez, no consumo de energia elétrica no município. De 1.255.822 MWh em 2001, passou para 1.634.583 MWh em 2007. Quanto aos setores de atividade, tal crescimento apresentou-se da seguinte maneira entre os anos de 1980 e 2007:

Sorocaba	1980	1985	1990	1995	2001	2005	2007
Consumo de Energia Elétrica - Consumo de Energia Elétrica – Industrial (Em MWh)	323.686	453.706	478.682	522.803	693.351	775.409	867.571
Consumo de Energia Elétrica - Consumo de Energia Elétrica – Comércio e Serviços (Em MWh)	37.530	50.994	71.916	114.505	181.410	219.791	254.564
Consumo de Energia Elétrica - Consumo de Energia Elétrica – Rural (Em MWh)	1.676	1.245	2.121	3.331	3.570	5.121	4.713

Fonte: Seade, 2010.

⁴ Fonte: RAIS, MTE (2005). In: LENCIONI, 2009, p.06.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os dados abordados neste trabalho mostram que a importância histórica da cidade de Sorocaba tem se reafirmado nos últimos anos, quando ela se torna um dos lugares privilegiados para a instalação e desenvolvimento de atividades produtivas, diante das novas lógicas que acompanham o processo de reestruturação.

Assim, novas centralidades se reafirmam no período atual, mas mantendo um estrito vínculo com a cidade de São Paulo e com a região que ela comanda. Isso se reflete, por sua vez, nas localizações que as atividades produtivas (e áreas residenciais) têm escolhido para se implantar, ao longo de eixos estruturais e entroncamento de rodovias. Por isso, a zona industrial do município de Sorocaba localiza-se na rodovia que dá acesso à Castelo Branco, denominada Rodovia José Ermínio de Moraes (Castelinho), e o Shopping Center Esplanada, Inaugurado em 1990 já com essa lógica, possui acesso direto à Rodovia Raposo Tavares. Fica claro, portanto, que sua localização tem como princípio atender a um público regional e não apenas do município.

Outro elemento que seria importante abordar nesse trabalho é o mercado de terras, pois, como trata Lencioni (2008), através dele novas áreas são agregadas pela metrópole. Assim coloca a autora:

Essa gigantesca mancha urbana, como a atual metrópole de São Paulo, requer incorporação crescente de áreas que chegam ao mercado de terras supervalorizadas em relação à valorização anterior. Mas, essas terras apresentam valor unitário menor em comparação a algumas áreas tradicionais da cidade e é essa dinâmica de preços que faz com que novas áreas sejam continuamente incorporadas à lógica do mercado de terras da metrópole, contribuindo para a indefinição dos limites metropolitanos (p. 09-10).

Essas dinâmicas, que passam a configurar uma série de descontinuidades no tecido urbano, refletem-se em um aumento contínuo dos fluxos dentro da área de expansão da metrópole. Os dados apresentados durante esse trabalho reafirmam a idéia de que Sorocaba participa ativamente de uma nova realidade, uma realidade metropolitana; o que, no entanto, poderia ser mais bem esclarecido por meio de outros dados e fontes de

pesquisa, que não integram os objetivos deste trabalho. À nova configuração territorial, marcada pela reestruturação produtiva, acompanha-se também uma nova fase do processo de urbanização, partindo agora para a metropolização do espaço regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIADO, A. S. C.; RIBEIRO, T. F. F.; AMORIM, R. L. Políticas neoliberais e reestruturação produtiva. In: POCHMAN, M. (org.). Reestruturação produtiva. Perspectivas de desenvolvimento local com inclusão social. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, p. 63-146.

CAPRI, Roberto. O Estado de São Paulo e seus municípios. São Paulo: Pocaí & Weiss, 1912.

DEBRASSI, Teresinha M. F. B. Uma introdução à discussão da dispersão urbana na região de Sorocaba. In: Brasil, estudos sobre dispersão urbana. São Paulo: FAU – USP, 2007 p. 401-429.

EGAS, Eugênio (org.). Os municípios paulistas. vol.2. São Paulo: Seção de Obras D' "O Estado de São Paulo", 1925.

IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros. vol. 30. Rio de Janeiro, 1958.

LENCIONI, S., 2003. A emergência de um novo fato urbano de caráter metropolitano. A particularidade de seu conteúdo sócio-espacial, seus limites regionais e sua interpretação teórica. In: Anais do X Encontro Nacional da ANPUR. Belo Horizonte: 1 CD-ROM.

_____. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. Revista de Geografia Norte Grande, v.39, p.7-20, 2008.

_____. Reestruturação urbano-industrial do Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. In: Espaço e debates. São Paulo, n.38, p.54-61, 1994.

São Paulo (Estado). Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Informações Municipais. <www.seade.sp.gov.br> acesso em julho de 2010.

SOJA, E. W. Geografias pós-modernas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.